

Os Estudos de Sânscrito no Brasil

MARIA VALÍRIA A. DE MELLO VARGAS
Universidade de São Paulo

Datam da década de 50 a 60 as primeiras manifestações de interesse pelo sânscrito no Brasil, quando o grande romanista Professor Theodoro Henrique Maurer Júnior, em suas aulas de Glotologia Clássica na Faculdade de Letras da Universidade de São Paulo, utilizava-se de elementos da gramática sânscrita para comparações com o grego e o latim, na tentativa de reconstrução do indo-europeu.

Por volta de 1960, a Professora Maria Luísa Fernandez Miazzi, que estudara língua e literatura sânscrita na North Caroline University, passou a integrar o quadro de docentes da cadeira de Filologia Românica da Universidade de São Paulo e ministrava um curso livre de introdução à língua sânscrita destinado a alunos de qualquer departamento da Faculdade de Letras da Universidade de São Paulo. Nesse curso, a Professora Maria Luísa não só utilizava o sânscrito como elemento de comparação com o grego e o latim, mas também objetivava analisar a estrutura gramatical da língua sânscrita para que o aluno pudesse traduzir textos originais, na ocasião restritos às fábulas da coleção *Hitopadeça* e a excertos da literatura épica, pois o curso tinha duração de apenas dois semestres letivos.

Em 1968, com o apoio do então diretor da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, Professor Eurípedes Simões de Paulo, e como consequência de uma reestruturação curricular na Universidade de São Paulo, foi criado o Curso de Língua e Literatura Sânscrita, agregado ao Departamento de Linguística e Línguas Orientais (D.L.L.O.) da Facul-

dade de Letras, ao lado dos cursos de árabe, armênio, chinês, hebraico, japonês e russo, as chamadas "línguas orientais" daquele departamento. Responsabilizava-se pelo curso e ministrava aulas a Professora Maria Luísa Fernandez Miazzi e colaboravam na docência dois professores que haviam frequentado cursos de especialização em sânscrito em universidades de Lyon, na França: Professor Izidoro Blikstein, do Curso de Filologia Românica, e Professor Cidmar Teodoro Pais, do Curso de Linguística. Além do enfoque na estrutura gramatical da língua sânscrita, tendência predominante até aquela época, os objetivos do curso visavam também a fornecer ao aluno noções de literatura sânscrita, com ênfase nas fábulas do *Hitopadeça*, na epopéia e a partir de então nas *Upaniṣad*. Como havia acúmulo de aulas para os professores, especialmente para os dois colaboradores que também ministravam disciplinas em suas respectivas áreas, foi convidado a participar do curso de sânscrito o Professor Ricardo Mário Gonçalves, da área de História do Extremo Oriente da Faculdade de História da Universidade de São Paulo. Dessa forma, o curso de sânscrito ampliou seus objetivos para proporcionar ao aluno noções básicas da história e da filosofia da Índia, com aulas ministradas, durante alguns anos, pelo Professor Ricardo Gonçalves e por alguns de seus orientadores que participavam do curso de sânscrito como voluntários.

Foi, entretanto, impossível para os professores Izidoro Blikstein e Cidmar Teodoro Pais continuarem no curso de sânscrito devido ao acúmulo de trabalho em suas respectivas áreas. Mais tarde também o Professor Ricardo Gonçalves e seus orientados se afastavam do curso. Esses professores foram, então, substituídos por alunos já bacharéis do próprio curso de sânscrito que, como voluntários, auxiliavam na docência e em trabalhos de monitoria.

Foi contratado, mais tarde, o primeiro bacharel em sânscrito no Brasil, o Professor Carlos Edgar Kugelmas que, por motivos particulares, se afastou do curso e em seu lugar foi contratado, em regime de tempo completo, o Professor Carlos Alberto da Fonseca. Em seguida foram contratadas, em regime de tempo parcial, as professoras Lillian Proença de Menezes Montenegro e Elisa Fumiko Kikuchi.

Com o desaparecimento da Professora Maria Luísa Miazzi, em 1977, o curso de sânscrito passou por algumas modificações estruturais. Para responsável pelo curso foi convidado o Professor Izidoro Blikstein, função que deverá exercer até que um dos outros professores alcance o doutoramento. O Professor Izidoro responde também pela chefia do Curso de Filologia Românica. Foi contratado, em regime de tempo completo, o Professor Mário Ferreira; o regime de trabalho do Professor Carlos Alberto da Fonseca foi ampliado para tempo integral e o das professoras Lilian Proença de Menezes Montenegro e Elisa Fumiko Kikuchi para tempo completo. Em 1980, a Professora Elisa afastou-se do curso e foi substituída pela Professora Maria Valíria Aderson de Mello Vargas.

Convém acrescentar que, bacharéis em sânscrito, todos esses professores estavam matriculados no curso de pós-graduação em Lingüística da Universidade de São Paulo, sob a orientação da Professora Maria Luísa Miazzi. Passaram então, em 1977, para a orientação do Professor Izidoro Blikstein e de 1982 a 1985 defenderam suas teses de Mestrado. Em seus trabalhos, os professores se propuseram a abordar obras dos períodos básicos da literatura sânscrita, desde o período védico, passando pelo épico até o período clássico. Esses trabalhos resultaram em material didático e de pesquisa para o curso de sânscrito, que prevê o estudo da língua e da literatura sânscrita em seus aspectos lingüísticos, literários e culturais.

Com o desenvolvimento das pesquisas e conseqüente ampliação da bibliografia sobre o sânscrito, sentiu-se a necessidade de uma reformulação nos propósitos do curso. O ensino do sânscrito na Universidade de São Paulo volta-se hoje para um aprofundamento no estudo dos aspectos lingüísticos (morfológicos, sintáticos e semânticos) e histórico-culturais dos textos dos vários períodos da literatura sânscrita, sobretudo dos períodos védico, bramânico, épico e clássico. De uma maneira geral, figura como objetivo principal do curso introduzir o aluno no universo da cultura sânscrita em suas diversas manifestações: língua, literatura, filosofia, religião, artes. Apresenta-se um panorama da literatura sânscrita de cunho sacerdotal e nobre desde o vedismo até o hinduísmo. Estudam-se depois as posturas filosóficas e estéticas do

período védico, bramânico, épico e clássico, sempre com a preocupação de mostrar a função da literatura como suporte dessas ideologias.

O curso é ministrado nos períodos matutino e noturno, em oito semestres consecutivos, com a carga horária de seis aulas semanais, distribuídas entre língua e literatura. São oferecidas por ano quarenta vagas, vinte por período.

Desde 1984 funciona o curso optativo de sânscrito, com duração de dois semestres, destinado a alunos de qualquer departamento e instituição da Universidade de São Paulo e que visa a orientar o aluno para a compreensão da posição e da importância da cultura sânscrita no âmbito do mundo indo-europeu. Além disso o conteúdo programático do curso permite ao aluno compreender os mecanismos de percepção e de cognição da cultura sânscrita e o modo como eles se materializam por meio da língua, da literatura, da filosofia, da mitologia.

O curso de sânscrito possui uma biblioteca, doada à Universidade de São Paulo por um dos estudiosos do sânscrito no Brasil, Reverendo Bertolaso Stella, que deixou publicada uma gramática da língua sânscrita e vários artigos sobre língua e literatura sânscrita em jornais e revistas. Por meio daquele acervo, os alunos têm acesso a importantes tratados sobre a literatura, filosofia e religião indiana. Essa biblioteca vem sendo ampliada, num processo muito lento devido às reduzidas verbas destinadas pela Universidade à aquisição de livros especializados que muitas vezes têm de ser importados.

São também importantes fontes de pesquisa para o curso de sânscrito da Universidade de São Paulo e para os estudos dessa língua no Brasil as obras *Introdução ao Sânscrito Clássico* e a coletânea *Textos de Literatura Sânscrita*, de autoria dos dois professores do curso, Carlos Alberto da Fonseca e Mário Ferreira.

A dificuldade maior do curso de sânscrito — problema, aliás, comum a todas as áreas de línguas orientais da Universidade de São Paulo — situa-se no número reduzido de docentes, que, embora em regime de tempo integral de trabalho, são obrigados a ministrar um número superior de aulas previsto em seus contratos, além de cumprirem horários de plantão e de desenvolverem paralelamente seus trabalhos acadêmicos, todos agora visando ao doutora-

mento. A contratação de docentes para essas áreas figura como reivindicação principal dos cursos de orientais. Vale lembrar que data de 1980 o último contrato de docente para o curso de sânscrito, referente à verba do contrato da professora que deixava o curso e era substituída naquela ocasião. Na verdade, desde 1977 não surgem verbas para a contratação de professores de sânscrito.

A Universidade de São Paulo é a única na América Latina a conferir diploma de bacharelado em sânscrito. Muitos dos alunos que procuram o curso de sânscrito da Universidade de São Paulo fazem idéia de que encontrarão um curso exclusivamente dedicado à filosofia hindu. Outros apreciam o original e o inédito no estudo das línguas e optam pela "excentricidade" do sânscrito. Esses, logo que se deparam com a seriedade dos objetivos do curso, se afastam. Há, contudo, os que buscam no estudo do sânscrito elementos de comparação com o grego e o latim para a aplicação na lingüística indo-européia. Há, felizmente, alunos interessados em buscar no sânscrito a fonte e a aplicação das modernas teorias da Lingüística. Há, ainda, os que têm conhecimento da importância da cultura filosófica e religiosa da Índia e buscam o sânscrito como meio de decifrar e compreender verdadeiramente essa cultura. É graças a esses alunos, infelizmente em número reduzido, que o curso de sânscrito pode cumprir seus objetivos, no incentivo à pesquisa e na descoberta do importante papel do sânscrito entre as línguas indo-européias, bem como na constatação de uma admirável cultura filosófica e religiosa.

Na Universidade Federal do Ceará datam de 1982 as primeiras manifestações de interesse pelo sânscrito, quando o Professor José Rebouças Macambira organizou um grupo de professores, entre eles a professora indiana Ved Kumari Arora, para proceder a estudos baseados na gramática sânscrita de MacDonell. No primeiro semestre de 1983 passou a existir um curso livre de língua sânscrita, com aulas ministradas pelos professores Macambira e Arora. O curso, com carga-horária geral de trinta horas, com duas aulas semanais, foi oficializado no segundo semestre daquele ano, fazendo parte do Departamento de Línguas Estrangeiras da Universidade Federal do Ceará. Os objetivos desse curso consistem em incentivar o estudo do sânscrito, despertar o interesse pela literatura e filosofia hindu e mostrar a importância da língua sânscrita

na lingüística sincrônica e diacrônica. O programa do curso prevê a abordagem dos seguintes temas: — a posição do sânscrito no cenário indo-europeu; — panorama da cultura hindu; — declinação a partir do texto *Bhagavad-gītā*; — conjugação a partir do texto; — tradução do primeiro *çloka* do texto *Bhagavad-gītā*.

Os estudos de sânscrito do Brasil têm-se projetado internacionalmente desde a fundação, em 1981, da Associação Latino-americana de Sanscritistas (ALAS), idéia que partiu dos professores Juan Miguel de Mora, Maria Ludwika Jarocka, ambos da Universidade Nacional Autônoma do México, e Carlos Alberto da Fonseca, do Brasil. Trata-se de uma associação civil, da qual são sócios os docentes e pesquisadores dedicados ao estudo da cultura sânscrita em todos os países da América Latina, sem excluir os especialistas latino-americanos residentes fora desses países. Tem por objetivo promover, diversificar, intensificar e coordenar os estudos sânscritos em todos os países da América Latina. A ALAS é filiada à International Association of Sanskrit Studies (IASS) e à Union Internationale des Études Orientales. A presidência e a sede social da Associação situam-se no setor de Letras da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. É presidente da ALAS, tendo sido reeleito, o Professor Carlos Alberto da Fonseca. A Associação possui uma vice-presidência na Argentina e outra no México.

A ALAS promoveu, desde a sua fundação, três Conferências Latino-americanas de Sanscritistas, na Universidade de São Paulo, e, em conjunto com a Universidade Nacional Autônoma do México, um Simpósio Internacional de Língua Sânscrita, na Cidade do México, do qual participaram também os professores de sânscrito da Universidade de São Paulo. Os trabalhos apresentados nesses Encontros têm sido publicados na coleção *Cultura Sânscrita*. Os dois primeiros volumes dessa coletânea tiveram o patrocínio da Universidade Nacional Autônoma do México; os dois volumes seguintes encontram-se em fase de publicação.

Podemos expor, a título de curiosidade, os programas do curso de Sânscrito da Universidade de São Paulo da seguinte forma:

- a) *Língua Sânscrita I* — 1º semestre; carga-horária: 6 aulas semanais:

Visão geral das línguas indo-européias; quadro geográfico e histórico da Índia; estrutura da língua sânscrita: fonologia e morfologia; quadro fonológico e ligações; saṁdhi externo, interno, vocálico, consonântico e de final absoluta; declinações de temas vocálicos e consonânticos; pronomes, numerais e indeclináveis.

b) *Língua Sânscrita II* — 2º semestre; carga-horária: 6 aulas semanais:

Morfologia: sistema verbal (constituintes, modos, tempo, vozes, conjugações, formas); sistemas do presente, perfeito, aoristo, futuro; formas nominais, conjugações derivadas.

c) *Língua Sânscrita III* — 3º semestre; carga-horária: 4 aulas semanais:

Quadro geral do sistema verbal sânscrito; estudo da composição nominal.

d) *Literatura Sânscrita I* — 3º semestre; carga-horária: 2 aulas semanais:

A literatura védica; a literatura bramânica; a literatura épica; as fábulas; a literatura clássica: a poesia, o teatro, o romance e a prosa filosófica.

e) *Língua Sânscrita IV* — 4º semestre; carga-horária: 4 aulas semanais:

Sintaxe; verificação dos gêneros literários e suas características; os estilos verbal e nominal; as frases simples, complexas e presentativas.

f) *Literatura Sânscrita II* — 4º semestre; carga-horária: 2 aulas semanais:

Estudo dos fundamentos ideológicos da cultura védica.

g) *Língua Sânscrita V* — 5º semestre; carga-horária: 4 aulas semanais:

A frase védica: caracterização de seus elementos particulares e localização das constantes lingüísticas que fundamentam a frase bramânica.

- h) *Literatura Sânscrita III* — 5º semestre; carga-horária: 2 aulas semanais:

A cultura védica; os hinos cosmogômicos e invocatórios do Rg Veda; o estatuto da sociedade: a mitificação dos costumes e a articulação dos deuses.

- i) *Língua Sânscrita VI* — 6º semestre; carga-horária: 4 aulas semanais:

A estrutura da frase; o sistema verbal como elemento organizador da fala bramânica.

- j) *Literatura Sânscrita IV* — 6º semestre; carga-horária: 2 aulas semanais:

A expansão dos horizontes geográfico e ideológico da cultura védica; a literatura especulativa: os Brāhmana e os Aranyaka; as Upaniṣadas.

- l) *Língua Sânscrita VII* — 7º semestre; carga-horária: 4 aulas semanais:

A estrutura da frase; o sistema nominal como elemento organizador da fala clássica.

- m) *Literatura Cânscrita V* — 7º semestre; carga-horária: 2 aulas semanais:

Estudo das posturas filosóficas e estéticas do período clássico; o apogeu da sociedade indiana e a diversificação dos gêneros literários.

- n) *Língua Sânscrita VIII* — 8º semestre; carga-horária: 4 aulas semanais:

Tradução de textos; estudo do sistema nominal na estruturação de frases; os metros clássicos.

- o) *Literatura Sânscrita VI* — 8º semestre; carga-horária: 2 aulas semanais:

Estudo da literatura clássica.

A bibliografia básica para o Curso de Língua e Literatura Sânskrita compõe-se das seguintes obras:

- AUBOYER, Jeannine — *A Vida Quotidiana na Índia Antiga*. Lisboa, Livros do Brasil, s.d.
- BALLINI, Ambrogio e VALLAURI, Mario — *Lineamenti d'una storia della lingua e della letteratura antica e medievale dell'India*. Roma, Institute della Inciclopedia Italiana, 1943.
- BASHAM, A. L. — *The Wonder that was India*. 3ª ed., Sidgwick & Jackson, London, 1969.
- KEITH, A. Berriedale — *A History of Sanskrit Literature*. London, Oxford University Press, 1961.
- MEILLET, A. — *Introduction à l'étude comparative des langues indoeuropéennes*. Paris, Klincksieck, 1937.
- RENOU, Louis e FILLIOZAT, Jean — *L'Inde classique. Manuel des études indiennes*. Tomo I, Paris, Payot, 1948.
- RENOU, Louis — *Les Littératures de l'Inde*. Paris, PUF, 1966.
- RENOU, Louis — *Littérature sanskrite*. Paris, Adrien-Maisonneuve, 1946.

Gramáticas

- FONSECA, Carlos Alberto e FERREIRA, Mário — *Introdução ao Sânskrito Clássico*. Universidade de São Paulo, 1978.
- MACDONELL, Arthur A. — *A Sanskrit Grammar for Students*. Oxford University Press, 1975, 3ª ed.
- RENOU, Louis — *Grammaire Sanskrite Élémentaire*. Paris, Adrien-Maisonneuve, 1963.
- RENOU, Louis — *Grammaire Sanskrite*. 2ª ed., Paris, Adrien-Maisonneuve, 1975.
- VARENNE, Jean — *Grammaire du Sanskrit*. Presses Universitaires de France, 1971.
- WHITNEY, William Dwight — *Sanskrit Grammar*. Harvard University Press, 1950.

Dicionários

- APTE, Vaman Shivran — *The practical Sanskrit-English Dictionary*. Bombay, Gopel Narayan, 1924.
- LANMAN, Charles R. — *A Sanskrit Reader*. Harvard University Press, 1920.
- MONIER, WILLIAMS, Monier — *A Sanskrit-English Dictionary*. Oxford, Clarendon Press, 1964.
- STCHOUPAK, N. & NITTI, L. & RENOU, L. — *Dictionnaire Sanskrit Français*. Paris, Adrien-Maisonneuve, 1972.